

## **Comportamentos agressivos na escola: Sua relação com a autoestima e a qualidade do suporte social**

Maria do Carmo Sousa (carמושousa@utad.pt), Beatriz Pereira, Beatriz Araújo,  
Andreia Portela & Melani Nóbrega

*Escola Superior de Enfermagem de Vila Real - UTAD; Universidade Católica Portuguesa/Instituto Ciências da Saúde, Porto; Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) da UM; Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga; Unidade de Cuidados Continuados de Murça; Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa, Lisboa*

*Resumo:* Com este estudo pretendíamos identificar comportamentos agressivos na escola, caracterizá-los quanto à forma em função de diferentes olhares, os da vítima, do agressor e do observador; entender a sua relação com a autoestima e a qualidade do suporte social e conhecer os sentimentos dos jovens quando praticam, observam ou são vítima dos mesmos. Utilizámos um questionário para caracterização sociodemográfica e escalas para medir autoestima, suporte social e comportamentos na escola. Constituímos uma amostra com 78 rapazes e 81 raparigas que frequentavam o ensino básico e tinham idades compreendidas entre 10 e 14 anos ( $M=12,11$ ;  $DP=1,35$ ). Os jovens identificaram uma grande diversidade de comportamentos. Os mais frequentes são os verbais (insultar, falar mal, colocar alcunhas, dizer piadas, culpabilizar) seguidos dos físicos (pregar rasteiras, empurrar) e dos de exclusão (pôr de parte, criticar o modo de vestir). Quanto aos locais, os recreios, as salas de aula e os corredores foram os mais mencionados. Verificou-se existir correlação entre comportamentos agressivos, autoestima e qualidade do suporte social, tanto quando os jovens são vítimas como quando são agressores. Sentimentos como tristeza, medo, raiva, mágoa, vergonha, revolta, culpa, arrependimento, indignação, insegurança, pena, injustiça, decepção, impotência e surpresa são alguns dos apontados pelos jovens na presença dos comportamentos.

*Palavras-chave:* Comportamentos agressivos; Autoestima; Suporte social; Escola.

### **Introdução**

A escola é por definição um espaço de interação que se associa a saber, a conhecimento, a desenvolvimento humano, a convívio e à construção de relações psicoafectivas e sociais. Como sistema aberto, a escola modifica-se com a sociedade, refletindo as vivências e a cultura desta e contribuindo igualmente para mudanças significativas nas comunidades de inserção. No que diz respeito à violência, a escola por um lado reflete os comportamentos agressivos da comunidade e por outro contribui para o seu aparecimento (Malta et al., 2010).

Os comportamentos agressivos em contexto escolar constituem um problema, provavelmente tão antigo quanto a própria escola. A sua persistência ao longo dos tempos deve-se provavelmente ao facto de serem entendidos como naturais, estarem inscritos num padrão normal de interação e as suas consequências serem desvalorizadas (Leonardo, 2007). Foi a sua elevada prevalência e complexidade bem como as consequências que se concluiu terem nos intervenientes que fizeram com que nas últimas décadas passassem a ser objeto de múltiplos estudos.

Este problema é particularmente grave quando se prolonga por largos períodos e as vítimas e observadores, se remetem ao silêncio, permitindo o seu perpetuar, com consequências terríveis, a nível do bem-estar e saúde (Carvalhosa 2011), que em casos extremos podem mesmo ser a morte (Almeida & Barrio, 2002).

Igualmente importante é o facto de grande parte dos jovens que testemunham comportamentos agressivos terem sentimentos de inevitabilidade, falta de esperança e alienação perante os mesmos, por constatarem que nem sempre os adultos, nas escolas, consideram os comportamentos agressivos dos jovens, como uma ameaça e opressão (Matos & Gonçalves, 2009).

Embora tenha sido nas últimas décadas que se tenha acentuado a preocupação com os comportamentos agressivos na escola, já nos anos 70, os estudos desenvolvidos por Olweus, chamaram à atenção para um fenómeno, ligado a esses comportamentos, o *bullying*. Este é a forma mais grave de comportamento agressivo, por ser intencional, repetitivo, persistente no tempo e sempre com o objetivo de fazer mal a alguém (Olweus, 1993; Marques, Neto, Angulo & Pereira, 2001; Matos & Gonçalves 2009). Inclui todas as formas de violência física e/ou psicológica, repetidas e efetuadas por um indivíduo ou um grupo sobre outro que não é capaz de se defender a si próprio (Houbre, Tarquinio & Thuillier, 2006). A persistência no tempo, a assimetria de poder entre vítima e agressor e o facto de a maior parte das vezes ocorrer sem ter havido provocação (Harris & Petrie, 2002; Pereira 2001; Matos & Gonçalves 2009; Malta et al., 2010) são características que permitem estabelecer a diferença entre *bullying* e os comportamentos agressivos esporádicos entre estudantes no meio escolar.

Os comportamentos são de diferentes tipos, e podem incluir-se em três categorias: o direto e físico, como bater, empurrar, roubar, brincar de forma violenta, danificar objetos e usar armas; o direto, verbal ou psicológico que engloba chamar nomes, arrelhar ou pegar com alguém, ser sarcástico, insultuoso ou injurioso, fazer caretas e ameaçar; por fim, o indireto, que é o mais difícil de identificar, pois não se reveste de formas tão visíveis e inclui comportamentos de exclusão ou rejeição de alguém de um grupo com o objetivo de o isolar socialmente (Bullock, 2002; Bandeira & Hutz, 2011). Nos últimos anos, surgiu um outro fenómeno, o cyberbullying (Barbosa e Farias 2011), que se reveste de particular gravidade pelas suas características.

O bullying é um fenómeno universal. Bullock (2002) diz que a sua incidência está a aumentar nos EUA e refere estudos de Nolle Carter em que uma em cada cinco crianças admite ser um *bully*.

Carrilho e Bacelar (2010: 43) referem resultados de estudos realizados em vários países “...na Noruega, 9% das crianças referiram serem vítimas de bullying muitas vezes. No Canadá, 19% dos alunos revelaram sofrer agressões pelo menos uma vez por semana, e, na Irlanda, 15% das crianças confessaram serem vítimas de bullying....”.

Silva, Oliveira, Lamas e Barbosa (2011:12) mencionam os resultados de quatro estudos que Fante realizou no Brasil com 1761 crianças. Nestes “mais de 40% estavam envolvidas em comportamentos de bullying, como vitimas (de 18% a 24%), agressores (de 8% a 22%) ou vítimas-agressivas (de 9% a 19%)”.

Em Portugal os resultados da investigação são também preocupantes. Num estudo realizado por Pereira, Almeida, Valente, e Mendonça (1996). Conclui-se que 21% das crianças tinham sido vítimas de *bullying* e 18% tinham sido agressores. Pereira e Mendonça (1995) numa análise aos níveis de vitimação e agressão do 1º ao 6º ano de escolaridade verificaram que a maior percentagem de vítimas e agressores eram muito jovens, entre os 8 e 9 anos de idade.

Costa e Pereira (2010) concluíram que 47,3% dos alunos que entraram num estudo tinham vivenciado situações de *bullying*: 18,8% como agressores;17,8% como vítimas agressivas e 11,1% como vitimas.

Mendes (2010) efetuou um estudo cujos resultados revelaram que 50% dos estudantes já foram vítimas de violência, 30% agressores e 90% observadores.

A pesquisa e reflexão que fizemos sobre os comportamentos agressivos, mormente da sua expressão mais grave e complexa ”o *bullying*” e que procuramos transcrever, permitiu-nos concluir da necessidade da continuação de estudos que possibilitem a sua melhor compreensão, nomeadamente no que diz respeito aos fatores associados e às suas implicações na saúde.

Corroboramos da opinião de Matos e Gonçalves (2009) quando dizem que o *bullying* deve ser encarado numa complexa dinâmica de causalidades e que a sua abordagem deve ser feita de forma integrada e multiprofissional. Assim surgiu o estudo que passamos a apresentar.

**Os objetivos que nortearam este estudo foram:** (i) Identificar comportamentos agressivos na escola, caraterizá-los quanto à forma em função de diferentes olhares, os da vítima, do agressor e do observador; (ii) Entender a relação desses comportamentos com a autoestima e a qualidade do suporte social; (iii) Conhecer os sentimentos dos jovens quando praticam, observam ou são vítima de comportamentos agressivos.

## **Materiais e métodos**

Realizamos um estudo exploratório, com uma amostra, constituída por adolescentes que frequentavam o 2º e 3º ciclos do ensino básico. Participaram no estudo 159 adolescentes sendo 78 (49,1%) rapazes e 81 (50,9%) raparigas. Tinham idades compreendidas entre 10 e 14 anos (M=12,11; DP=1,35).

Utilizámos um questionário constituído por uma parte com itens para caracterização sociodemográfica da amostra e por escalas tipo *Likert* para caracterização dos comportamentos agressivos na escola, para medir autoestima (Rosenberg) e para medir satisfação com o suporte social (Pais Ribeiro). No respeito pelos princípios éticos, foram obtidos a autorização da escola e dos encarregados de educação e o consentimento informado dos adolescentes para participarem no estudo. O questionário foi aplicado num dia normal de aulas, num tempo disponibilizado para o efeito e com a colaboração dos professores.

Na análise de dados utilizamos estatística descritiva e inferencial. Os testes foram escolhidos de acordo com as características da distribuição das variáveis em estudo, para um nível de significância de  $p < 0,05$ .

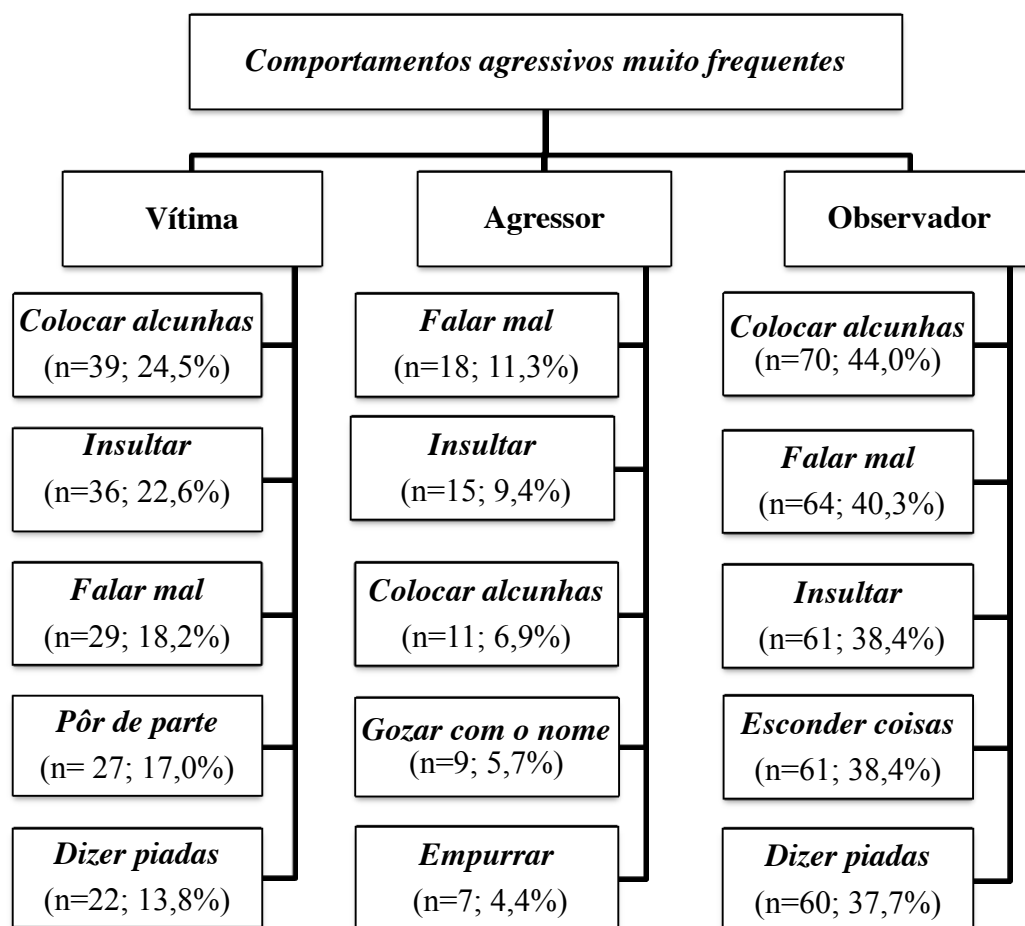
## **Resultados**

### *Comportamentos agressivos na escola*

Os adolescentes ao responderem ao questionário, tinham a possibilidade de, para cada comportamento, dizer se este nunca acontecia, ou se a sua ocorrência era rara ou muito frequente. Aqui faremos alusão só aos comportamentos muito frequentes, pois consideramos que as suas consequências no bem-estar e saúde são muito mais relevantes do que as dos comportamentos esporádicos. Na figura 1 podemos ver os cinco comportamentos com maior prevalência nos grupos de vítimas, agressores e observadores.

De salientar que em qualquer dos grupos, a maior prevalência é de comportamentos agressivos diretos verbais. Nos grupos das vítimas e observadores são mencionados também comportamentos indiretos e no dos agressores comportamentos diretos físicos.

O falar mal, colocar alcunhas e insultar são comportamentos agressivos identificados nos três grupos. Saliente-se o facto de o comportamento de exclusão “Pôr de parte” ser apenas mencionado pelas vítimas. O mesmo acontece com o comportamento direto físico, que só assume relevância no grupo de agressores. Estes comportamentos são mencionados por adolescentes dos outros grupos, mas como sendo acontecimentos esporádicos.



**Figura1:** Prevalência dos cinco comportamentos agressivos que ocorreram muitas vezes e que foram mencionados por um maior número de adolescentes

Sobre o envolvimento em comportamentos agressivos neste estudo concluímos que trinta e três (20,8%) adolescentes dizem ter sido agressores e destes 1 (0,6%) considera-se apenas agressor, 14 (8,8%) também observadores e 1 (0,6%) simultaneamente vítima. Constatámos também que sessenta e dois (39,0%) adolescentes foram vítimas de comportamentos agressivos e destes só 6 (3,8%) são apenas vítimas, pois trinta e oito (23,9%) dizem-se também observadores e 1 (0,6%) assume-se como agressor. Uma outra constatação foi que cento e dezassete (73,6%) adolescentes observaram outros a praticar comportamentos agressivos e destes só 48 (30,19%) são apenas observadores. Um outro resultado interessante é o de dezassete (10,7%) adolescentes se assumirem simultaneamente como agressores, vítimas e observadores. Há 34 (21,4%) adolescentes que não foram vítimas, não observaram nem foram agressores. O maior número de adolescentes de qualquer dos grupos tem 12 ou 13 anos de idade, como se pode observar na figura 2.

Idade (anos)	Agressores		Idade (anos)	Observadores		Idade (anos)	Vítimas	
	n	%		n	%		n	%
10	4	2,5	10	21	13,2	10	12	7,5
11	6	3,8	11	17	10,7	11	11	6,9
<b>12</b>	<b>7</b>	<b>4,4</b>	<b>12</b>	<b>27</b>	<b>17,0</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>10,1</b>
<b>13</b>	<b>11</b>	<b>6,9</b>	<b>13</b>	<b>32</b>	<b>20,1</b>	<b>13</b>	<b>18</b>	<b>11,3</b>
14	5	3,1	14	20	12,6	14	5	3,1

**Figura2:** Distribuição de agressores, observadores e vítimas por idade

### *Relação dos comportamentos agressivos com a autoestima e com o suporte social*

Bandeira e Hutz (2011) dizem que a autoestima é uma variável com influência no bem-estar psicológico e na saúde mental e que níveis baixos de autoestima estão relacionados com fenómenos mentais negativos como depressão e suicídio. Os mesmos autores dizem que o fenómeno de *bullying* tem diferentes implicações na autoestima dos adolescentes e referem estudos de Rigby e Cox em que se encontrou relação entre baixa autoestima e *bullying* nas raparigas.

Os valores da autoestima nos adolescentes do nosso estudo situaram-se entre 16 e 40 numa escala cujos scores podem variar entre 15 e 40. Quanto maior for o valor obtido melhor será a autoestima. No que diz respeito à qualidade da autoestima, os estudantes distribuem-se da seguinte forma: em 7 (4,4%) a autoestima é baixa; em 113 (71,1%) é média e em 39 (24,5%) é elevada.

Verificamos existir correlação negativa entre autoestima e alguns comportamentos, nomeadamente colocar alcunhas e insultar, no caso dos agressores e colocar alcunhas, insultar, falar mal e pôr de parte no caso das vítimas, como pode ser observado na figura 3.

Quanto ao suporte social Carvalhosa (2011), referindo Frey e Rothlisssberger diz que o apoio da família e dos pares tem um efeito de defesa no stress e prepara os jovens para lidar com a experiência de *bullying*.

Os valores respeitantes ao suporte social situam-se entre 23 e 75, numa escala cujos scores podem variar entre 19 e 75. Quanto maior for o valor obtido melhor é a perceção acerca do suporte social.

Na figura 3, podemos observar uma correlação negativa entre comportamentos agressivos e suporte social especificamente no caso dos agressores, no comportamento colocar alcunhas e

no de colocar alcunhas, pôr de parte/não deixar participar nas atividades do grupo e dizer piadas sobre a pessoa, no caso das vítimas.

<i>Comportamento</i>	<i>Agressor</i>	<i>Observador</i>	<i>Vítima</i>	<i>Comportamento</i>	<i>Agressor</i>	<i>Observador</i>	<i>Vítima</i>
<i>Colocar alcunhas</i>	-,183*	-,005	-,350**	<i>Colocar alcunhas</i>	-,263**	-,084	-,255**
<i>Insultar</i>	-,194*	,058	-,252**	<i>Insultar</i>	-,145	-,077	-,115
<i>Falar mal</i>	-,139	,120	-,181*	<i>Falar mal</i>	-,136	-,087	-,094
<i>Pôr de Paris</i>			-,198*	<i>Pôr de Paris</i>			-,189*
<i>Dizer piadas</i>		,037	-,138	<i>Dizer piadas</i>		-,101	-,223**
<i>Empurrar</i>	-,048			<i>Empurrar</i>	-,045		
<i>Esconder coisas</i>		,102		<i>Esconder coisas</i>		-,128	
<i>Gozar com o nome</i>	-,048			<i>Gozar com o nome</i>	-,144		

\*p <0,05; \*\*p <0,01

Tabela de correlação Autoestima/Comportamentos

\*p <0,05; \*\*p <0,01

Tabela de correlação Suporte Social/Comportamentos

**Figura3:** Correlação entre Autoestima, Suporte Social e os cinco comportamentos agressivos que ocorreram muitas vezes e que foram mencionados por um maior número de adolescentes

*Sentimentos dos jovens quando praticam, observam ou são vítima de comportamentos agressivos*

Os sentimentos mais prevalentes nos três grupos são tristeza, mal-estar (não especificado) e medo. Foram mais frequentes nas vítimas e observadores.

Alguns registos são testemunho desses sentimentos “*eu me senti muito mal porque eu sou gordinha e as pessoas me criticam, me humilham e me chateiam*”; “*muito mal queria morrer*”; “*eu fiquei muito triste porque os meus amigos fizeram isso*”; “*muito mal e a pedir para não me acontecer o mesmo*”; “*me senti mal porque faço coisas que raramente fazem comigo*” No grupo dos agressores o sentimento de mal-estar por vezes é posterior à ocorrência do comportamento “*hoje revendo o que fiz sinto-me mal*”.

Culpa é também um sentimento presente em observadores e agressores, embora nos últimos por vezes só surja depois da prática do comportamento “*culpa pois vi que estava errado*”.

Não sentir nada, não valorizar o sucedido ou sentir-se bem é focado por agressores “*normal-não tive nenhum sentimento diferente*”; “*não me senti muito errado*”; “*por uma parte feliz e por outra não*”.

Arrependimento “*eu me senti mal, não devia ter feito, mas agora vou melhorar*”; “*é pena...mas já estava feito*”; vergonha “*me senti como ninguém com vergonha*”; surpresa “*surpreendida com a capacidade da pessoa fazer maldade*” e incapacidade/impotência “*com*

*pena e sem poder fazer nada*”; “*eu senti vontade de ajudá-lo, mas...*”; “*muito mal mas não me meti*”; “*impotente, de não poder ajudar e com medo*” são referidos com alguma frequência. Os menos frequentes são revolta, indignação, raiva, insegurança, injustiça, preocupação, decepção, mágoa, pena e sentir-se confuso.

## **Conclusões**

Este estudo pretendeu ser mais um contributo para o conhecimento dos comportamentos agressivos na escola.

Foi nossa preocupação aprofundar os aspetos referentes aqueles que ocorreram com maior frequência e que mais adolescentes referiram.

Olhando para os resultados do envolvimento dos adolescentes intervenientes em comportamentos agressivos muito frequentes, concluímos que não diferem muito dos encontrados na literatura consultada (Pereira et al., 1996; Costa & Pereira 2010; Carrilho & Bacelar 2011; Mendes, 2010; Silva et al., 2011).

Encontramos diferença no que se refere à idade. Os adolescentes de 10 e 11 anos apresentam frequências mais baixas de envolvimento em comportamentos agressivos. Essa frequência é mais elevada nos grupos dos 12 e 13 anos. Alguns autores como, Pereira e Mendonça (1995) e Pereira et al (2004) em estudos realizados com crianças do 1º ao 6º ano de escolaridade afirmaram que o *bullying* ocorre principalmente nas crianças mais jovens, localizando esse pico de agressividade no 3º ano, verificando um decréscimo ligeiro no 4º, 5º e 6º ano de escolaridade.

Quanto ao tipo de comportamentos, os resultados que obtivemos incluem as formas descritas na literatura (Bullock 2002; Bandeira & Hutz, 2011).

No que diz respeito à relação entre autoestima, suporte social e comportamentos agressivos, os resultados mostram a correlação que existe entre estes fenómenos e que nos direciona no sentido de continuar a pesquisa nesta área, pelas implicações na saúde e bem-estar dos adolescentes.

A estes vêm juntar-se os sentimentos verbalizados pelos adolescentes que permitem afirmar que este fenómeno é fonte de sofrimento psicológico tanto para vítimas como para agressores e observadores.

Corroboramos a opinião de Silva et al. (2011) quando dizem que pelo risco que os comportamentos agressivos têm para os intervenientes, sobretudo na forma de *bullying*, constituem um problema de saúde pública.



Assim, identificados os comportamentos e algumas variáveis com eles associadas, o desafio que se coloca é o de implementar estratégias com impacto positivo na qualidade de interação das crianças e adolescentes nas escolas e orientadas para as formas mais eficazes de prevenir e diminuir o *bullying*.

Acreditamos ser possível através de uma intervenção multiprofissional dificultar as dinâmicas de *bullying* e prevenir a consolidação dos padrões interrelacionais agressivos.

## Referências

- Almeida, A., & Barrio, C. (2002). A vitimização entre companheiros em contexto escolar. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes* (Vol.2, pp. 169-197). Coimbra: Quarteto.
- Bandeira, C. M., & Hutz, C. S. (2011). As relações entre bullying, género e autoestima na adolescência. In A. G. Barbosa, L. M. Lourenço, & B. Pereira (Coords.), *Bullying conhecer e intervir* (pp. 51-68). Juiz de Fora: UFJF.
- Barbosa, A. G., & Farias, E.S. (2011). Cyberbullying. In A. G. Barbosa, L. M. Lourenço, & B. Pereira (Coords.), *Bullying conhecer e intervir* (pp. 69-81). Juiz de Fora: UFJF.
- Bullock, J. (2002). Bullying among children. *Childhood Education*, 78 (3), 130-133.
- Carrilho, T., & Bacelar, T. (2010). Bullying: Agressividade em contexto escolar. *Ousar Integrar*, 3 (6), 43-59.
- Carvalhosa, S. F. (2011). Um modelo ecológico para a prevenção do bullying nas escolas. In A. G. Barbosa, L. M. Lourenço, & B. Pereira (Coords.), *Bullying conhecer e intervir* (pp. 95-110). Juiz de Fora: UFJF.
- Costa, P., & Pereira, B. (2010). O bullying na escola: A prevalência e o sucesso escolar. In L. Almeida, B. Silva, & S. Caires (Orgs.), *Atas do I Seminário Internacional «Contributos da Psicologia em Contexto Educativo»* (pp.1810-1821). Braga: CIED - Centro de Investigação em Educação. Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- Harris, S., & Petrie, G. (2002). A study of bullying in the middle school. National Association of Secondary School Principals. *NASSP Bulletin*, 86, 42-53.
- Houbre, B., Tarquinio, C., Thuillier, I. (2006). Bullying among students and its consequences on health. *European Journal of Psychology of education*, 21 (2), 183-208.
- Leonardo, J. (2007) Bullying escolar: Abordagem descritiva de um fenómeno emergente. *Infância e Juventude*, (4), 9-82
- Malta, D. C., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M, Monteiro, R. A., Sardinha, L. M. V., Crespo, C., Carvalho, M. G. O., Silva, M. M. A., & Porto, D. L. (2010). Bullying nas escolas brasileiras: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (supl. 2), 3065-3076.
- Marques, A. R., Neto, C., Angulo, J. C., & Pereira, B. (2001). Um olhar sobre o recreio, espaço de jogo, aprendizagem e alegria mas também de conflito e medo. In A. Estrela, & J. Ferreira (Eds.), *Atas do XI colóquio: Indiscipline et violence à l'école* (pp.552-560). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Matos, M. G., & Gonçalves, S. M. P. (2009). Bullying nas escolas: Comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doença*, 10 (1), 3-15
- Mendes, C. S. (2010). Violência na escola: Conhecer para intervir. *Referência*, (12), 71-82
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford,UK: Blackwell.
- Pereira, Beatriz O., Almeida, Ana T., Valente, Lucília & Mendonça, Denise (1996). O bullying nas escolas portuguesas. Análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema. In L. Almeida, J. Silvério & S. Araújo (Orgs.), *Atas II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, (pp. 71-8). Braga: Universidade do Minho.

- Pereira, Beatriz O. & Mendonça, Denise (1995). O "bullying" na escola. Análise das práticas agressivas por ano de escolaridade. *Atas do 1º Encontro de Educação e Cultura do Concelho de Oeiras*, (pp. 39-57) Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras
- Pereira, B. O. (2001). O poder da escola na prevenção da violência entre pares. In A. Estrela, & J. Ferreira (Eds.), *Atas do XI colóquio: Indiscipline et violence à l'école* (pp.149-158). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Silva, A. N., Oliveira, J. C., Lamas, K. A., & Barbosa, A. G. (2011). Pesquisas sobre Bullying no Brasil. In A. G. Barbosa, L. M. Lourenço, & B. Pereira (Coords.), *Bullying conhecer e intervir* (pp. 11-31). Juiz de Fora: UFJF

Sousa, M.C., Pereira, B., Araújo, B., Portela, A., Nóbrega, M. (2012). Comportamentos agressivos na escola: Sua relação com a autoestima e a qualidade do suporte social. In L. S. Almeida, D. D. Silva & A. Franco (Orgs.), *Atas II Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos"*, (pp. 802-811). Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.